



ENTRE MARGENS, TERRITÓRIOS, CORPOS E AS MUITAS VOZES: NARRAR AS AUSÊNCIAS E REESCREVER O COMUM

**Between Margins, Territories, Bodies, and Plural Voices: Narrating Absences and
Rewriting the Commons**

Alessandra Guterres Deifeld¹

<https://orcid.org/0000-0002-3242-126X>

Andressa Almeida Nunes¹

<https://orcid.org/0000-0003-3236-1823>

Emmanuele Amaral Santos¹

<https://orcid.org/0009-0000-7946-8594>

Jair Zandoná²

<http://orcid.org/0000-0002-4301-9436>

Julia Dias Lopes¹

<https://orcid.org/0009-0002-2750-4586>

Mariana Vogt Michaelsen¹

<https://orcid.org/0000-0001-8389-529X>

Tânia Regina Oliveira Ramos¹

<https://orcid.org/0000-0002-2477-0419>

Thaís Fernandes¹

<https://orcid.org/0000-0002-7971-094X>

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Literatura,
Florianópolis, SC, Brasil. 88040-900 – ppglitufsc@gmail.com

² Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil. 79100-510 –
dgepe@ifms.edu.br

O volume 30 da revista Anuário de Literatura chega em um tempo de encruzilhadas e reconstruções, afirmando, mais uma vez, a vitalidade do pensamento literário brasileiro diante das urgências de nosso presente, tempo marcado pela reconstrução democrática no país em paralelo a retrocessos políticos em plano mundial pelo avanço de discursos autoritários que tentam silenciar a diferença. A literatura reafirma papel essencial como



campo de imaginação e de crítica, onde é possível inventar novas formas de convivência, narrar as ausências e reescrever o comum.

Nesta leitura de uma conjuntura ampla, optamos por lançar nosso olhar para corpos que sustentam o mundo. Corpos que, mesmo quando silenciados, continuam a mover a história. Na capa deste volume – *O trajeto da água*, de Carol Grilo – dois corpos negros equilibram esferas sobre a cabeça: planetas, talvez, ou memórias. Um menino observa, uma figura navega. A água liga todos, como tempo que flui e refaz caminhos. Nesta imagem, há força e ternura, ancestralidade e invenção – a travessia como destino e possibilidade. É sob esse signo que o volume atual se apresenta: como travessia e encruzilhada. Travessia entre a literatura hegemônica e as contranarrativas, entre o cânone e o corpo, entre o visível e o que o olhar colonial quis apagar.

Nossa escolha da capa não poderia ter outro objetivo senão o de nos apoiarmos na cidade, na ciência, na arte e na ética para colocar no lugar dessas construções humanas o poder da natureza: as masculinidades negras ao longo de trajetórias tão complexas, numa história que percorreu o mar, a terra, as lutas e os embates como se *malês* fosse um estado de espírito. Em tempos de cruzadas políticas, as questões raciais emergem como eixo central de disputas simbólicas. A persistência do racismo nas instituições, na linguagem, na distribuição do poder e de escuta exige não apenas denúncia, mas também invenção estética. O dossiê “Da literatura hegemônica às contranarrativas: representações das masculinidades negras na literatura brasileira” inscreve a possibilidade de repensar o masculino a partir das margens, deslocando o centro do discurso, reescrivendo memórias apagadas e construindo outras formas de presença. Este dossiê busca deslocar o olhar – repensar o masculino não como universal abstrato, mas como experiência situada: racializada, plural e vulnerável. É um gesto de restituição simbólica: devolver voz, corpo e linguagem aos homens negros que a literatura tantas vezes relegou à ausência e à invisibilidade.

Dois textos que compõem o dossiê têm como objeto de investigação obras de compositores negros. No artigo “Bandone do Caverá: a memória como identidade e homenagem”, Pablo Lemos Berned e Demétrio Alves Paz apresentam uma leitura do poemeto Bandone do Caverá, de Oliveira Silveira, que resgata a vida do músico Adauto Costa Ferreira. Já em “O samba moderno em questão: a resistência na palavra dos malandros do Estácio de Sá”, Lucas Garcia Nunes analisa as letras dos sambas compostos pelos sambistas-malandros do bairro Estácio de Sá, instrumentos de denúncia e crítica das condições de trabalho, da exploração do corpo do homem negro e da precarização da vida.

A partir do conceito de interseccionalidade, dois artigos analisam como diferentes aspectos da identidade se cruzam para criar experiências de opressão. Em “Masculinidade negra e homossexual representada em ‘Bom-crioulo’ sob um olhar interseccional”, Rafael Cardoso Gomes analisa a obra de Adolfo Caminha para evidenciar como raça e sexualidade se cruzam na marginalização do protagonista. Ainda nessa perspectiva, Jaqueline Martinho dos Santos, em “Relato sobre os esquecidos: os favelados do Canindé

na obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus” examina a dinâmica das relações entre os habitantes da favela do Canindé e entre os favelados e seus vizinhos, registrada no livro e em alguns jornais das décadas de 1950 e 1960. A análise apoia-se na intersecção entre raça, classe e gênero, conforme foi pensada por autoras negras.

Historicamente, o corpo negro foi descrito como forte e resistente ou ameaça, raramente como pensamento e sensibilidade. A contranarrativa emerge como resposta estética e política a esse apagamento: um modo de escrever que inscreve no verbo o direito de existir. Frantz Fanon nos ensinou que o corpo negro é o primeiro texto político; bell hooks nos lembrou que pensar masculinidades negras é também pensar as feridas do amor – o aprendizado de amar-se num mundo que ensinou o oposto.

Obras e performances de artistas e escritores como Cuti, Ricardo Aleixo, Allan da Rosa, Antonio Obá e Tiago Sant’Ana desafiam as representações estereotipadas, revelando que a masculinidade negra é lugar de reinvenção – o corpo pensa, ama e cria. Ao reconfigurar o olhar sobre o corpo, devolvem-lhe a dimensão do afeto e do ato político: não mais objeto, mas sujeito de expressão e cuidado. O feminismo negro, por sua vez, tem oferecido as bases éticas e teóricas dessa transformação. Autoras como Lélia Gonzalez e Patrícia Hill Collins reivindicam a interseccionalidade como prática de leitura e escuta – um modo de compreender que a masculinidade negra é tecida por múltiplas camadas de opressão, mas também de criação. O afeto, a vulnerabilidade e o cuidado tornam-se, assim, forças de resistência e de reconstrução. Para que essas forças possam atuar, também é preciso desconstruir essa masculinidade, como mostram Alexandra Santos Pinheiro e Clarice de Mattos Goulart no artigo “Parem de nos matar: a (des)construção da masculinidade nas crônicas de Cidinha da Silva” aborda o tema a partir de crônicas da escritora. Nesse sentido, ainda, Monica da Silva Franciso, em “Fio Jardim no espelho: uma análise do livro *Canção para ninar menino grande* (2018) de Conceição Evaristo” – artigo que fecha o dossiê –, a partir dessa personagem, discute sobre como os homens negros elaboram o modelo de masculinidade considerando o contexto brasileiro.

Celebramos nesta edição a eleição de Ana Maria Gonçalves para a Academia Brasileira de Letras (ABL), acontecimento histórico e profundamente significativo. Autora de *Um defeito de cor*, romance que reconfigurou o modo de narrar a experiência negra na literatura brasileira, Ana Maria Gonçalves representa a inserção, ainda tardia, de uma perspectiva afro-brasileira no espaço mais tradicional da institucionalidade literária. Sua presença na ABL é também um gesto de reescrita do cânone, uma afirmação de que a literatura brasileira, em sua pluralidade, é feita de muitas vozes, muitas temporalidades e muitas travessias: “Venho falando pretuguês, escrevendo a partir de noções de oralitura e escrevivência”, afirmou a escritora em sua posse (Redação Oeste, 2025). Voltando à capa desta edição, a água na arte de Carol Grilo é também verbo líquido das contranarrativas: o que se infiltra nas brechas do cânone, o que renova e faz renascer. A literatura negra brasileira, como a água, encontra caminhos onde não há margens – desvia-se das pedras e constrói,gota a gota, um outro país possível.

Por outro lado, não podemos deixar de registrar que Ailton Krenak em 2023 tornou-se o primeiro indígena a ocupar uma cadeira na instituição, abrindo frestas em um espaço tradicionalmente moldado por parâmetros eurocêntricos. A recente eleição dá continuidade a esse movimento de deslocamento e reconfiguração, no entanto, como já se afirmou a propósito de Krenak no vol. 28 de nossa revista: é preciso comemorar – e estar à espreita. A eleição de Ana Maria Gonçalves não a reduz como escritora para que caiba em uma instituição, mas alarga seus contornos, ao empurrar o céu, como diz o verso que inspira resistência. A presença tardia na ABL evidencia que o processo de democratização do campo literário brasileiro ainda se encontra em curso, como um rio que expande as margens.

Neste olhar sobre um novo mapa que vem sendo reconfigurado, trazemos o XIX Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada) que foi sediado na cidade de Manaus (AM), com o tema “Redes, margens e rios”. A edição do evento sintetiza a ligação inegável entre questões raciais e a urgência em enfrentar o desafio de habitar um mundo em colapso por crises ambientais. O encontro, cabe mencionar, teve significativa presença de docentes, estudantes de mestrado e doutorado de nosso Programa de Pós-graduação em Literatura e também de bolsistas de PIBIC vinculados aos cursos de graduação em Letras da UFSC. Além de fomentar discussões contemporâneas sobre literatura indígena, ecocrítica, decolonialidade e tecnologia, parecemos que a proposta do Congresso vai ao encontro das considerações de Achille Mbembe, ao discorrer sobre a libertação do povo colonizado e a criação de um novo mundo, mais igualitário, e que ambiciona uma nova linguagem:

[...] sob o peso da opressão possam se levantar e andar, é preciso que a justiça seja feita. Portanto, não se escapará da exigência da justiça. Ela requer a libertação do ódio de si e do ódio ao Outro, primeira condição para que possamos voltar à vida [...] é a condição para reaprender a falar uma linguagem humana e, eventualmente, criar um mundo novo (Mbembe, 2019, p. 55).

Dessa forma, evidenciamos que as materialidades diversas das colagens que estamos aqui trazendo desde a capa como também nas contribuições que integram o volume, evocam tanto a multiplicidade das formas de dizer quanto o caráter sempre inacabado das representações que a literatura continuamente encena, atos que a Anuário de Literatura celebra. Pensar nas masculinidades negras é reconhecer a pluralidade das formas de ser – para além da lógica binária – em um mundo ainda marcado por hierarquias coloniais, é afirmar que a literatura, quando escrita desde o corpo e desde o abismo, pode tornar-se abrigo e horizonte – lugar de reconstrução. Que este número continue a nos fazer pensar a literatura como território de encontro e de resistência, que continue a empurrar o céu e a percorrer caminhos em busca de vozes que escrevem desde as margens, fazendo das palavras territórios de travessia, de contrapalavra e de respiração. Porque é pelas margens que os rios carregam as histórias contadas e ainda a contar.

Neste número, além das histórias contadas no dossiê acima mencionado,



publicamos 28 artigos, duas resenhas e uma entrevista, produções que incluem outras narrativas sob perspectivas diversas. Uma parte dos textos reflete sobre obras de autoria feminina e/ou que tratam de questões relacionadas ao universo das mulheres. Em “A literatura colonial de mulheres: Fernanda de Castro e Maria Amélia Rodrigues nos concursos de literatura colonial (1926-1931)”, Helder Thiago Cordeiro Maia analisa três romances de autoria feminina publicados entre os anos de 1926 e 1931, buscando investigar se há elementos distintivos de autoria feminina na literatura colonial. Já Sofia Osthoff Bediaga, em “A leitura catóptrica das bruxas: o gótico e o feminismo em ‘The Deluge at Nordeney’ de Isak Dinesen” debruça-se sobre as relações entre o feminismo e o movimento literário gótico, a partir da análise de uma novela de Isak Dinesen, pseudônimo de Karen Blixen. O papel da memória na construção narrativa de mulheres negras é tema do artigo “Memórias que constituem a subjetividade feminina negra em *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo”, de Lilian Greice dos Santos Ortiz da Silveira e Ariane Avila Neto de Farias, no qual as autoras analisam três contos de Evaristo. Em “Do corpo para si mesma: desdobramentos do ser feminino em *A rainha do ignoto* (1899), de Emília Freitas”, Wanessa de Oliveira Coelho apresenta a quebra de paradigmas na construção da personagem feminina, em oposição à tradição literária contemporânea ao romance de Emília Freitas. A questão da maternidade também aparece neste número no texto “Preta, pobre, periférica e grávida: a maternidade criminosa em *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto” de Thaïs de Matos Barbosa e Glezia Alves de Melo.

Dois artigos deste número dedicam-se ao poeta Murilo Mendes. Em “A dama branca’, mito e poesia em *As Metamorfoses*, de Murilo Mendes”, Luciano Marcos Dias Cavalcanti analisa a construção poética empreendida pelo poeta mineiro e a relação que sua poesia estabelece com mito e a memória. Pablo Vinícius Nunes Garcia investiga os usos do endereçamento na poesia de Murilo Mendes e os lapsos de comunicação produzidos por esse recurso em “Ao Pai e aos irmãos: tentativas de interlocução em Murilo Mendes”.

A partir de diferentes perspectivas teóricas, um conjunto de artigos volta-se para a literatura e para outras manifestações artísticas na contemporaneidade. Em “Poesia é um ovo com um cavalo dentro’: sobre algoritmos, saturações e possibilidades ensaísticas contemporâneas”, Felipe Chaves Gonçalves Pinto busca debater uma poética que conceba experiências literárias diante e contra a saturação informacional da Era da Informação. A partir do conceito de bovarismo, Camila David Dalvi e Fabíola Simão Padilha Trefzger analisam o fenômeno televisivo dos doramas e a permanência de discursos constituidores da dominação masculina em “Persistência da dominação masculina: bovarismo e doramas”. Em “Cenas do dissenso na poesia de Golgona Anghel: um diálogo com Jacques Rancière”, Júlia Dutra Izidoro parte do conceito de Jacques Rancière para analisar poemas que mantêm uma narratividade dialogada com a “racionalidade do dissenso” de autoria da portuguesa Golgona Anghel.

Três obras contemporâneas publicadas em datas bastante próximas são objeto de



investigação de artigos deste número. Em “Perspectivas críticas em *Torto Arado*”, Flaviano Maciel Vieira debruça-se sobre um dos romances mais vendidos no Brasil nos últimos anos, refletindo sobre dois elementos da narrativa: seu campo simbólico e seu campo estrutural. Publicado pouco tempo depois de *Torto Arado*, o romance de Michel Laub é objeto de análise de Nathaly Silva Nalerio e Alfeu Sparemberger, que procuram discutir o efeito de realidade produzido pela obra em “O efeito de realidade em *Solução de Dois Estados*, de Michel Laub”. Por fim, “Tóquio”, novela de Daniel Galera, é analisada por Victor Calcagno em “Ficções tecnológicas, políticas ontológicas: Daniel Galera e Isabelle Stengers” a partir dos conceitos desenvolvidos pela filósofa belga em “The challenge of ontological politics”.

Partindo, entre outros teóricos, de Antonio Cândido, o artigo “Retorno ao espontâneo: a naturalização do humano no conto ‘Demônios’, de Aluísio Azevedo”, de autoria de Paulo Guilhermino dos Santos, apresenta uma reflexão sobre o questionamento do romantismo e a apropriação de uma estética marcadamente naturalista com base na análise do referido conto em comparação com o romance *O cortiço*. Baseando-se também nos estudos de Cândido e de outros autores como Bakhtin e Freire, Cristiane Casquet de Souza Elias e Vera Bastazin discutem sobre a palavra literária como motivadora para a construção de diálogos e interações pessoais em “Palavra literária: potência na ação formativa do sujeito-leitor”. As pesquisadoras partem da compreensão da leitura literária não somente como decodificação e identificação de elementos da narrativa, mas como experiência significativa e prazerosa.

Também estão presentes no número textos que extrapolam a investigação sobre a palavra escrita, refletindo sobre outras manifestações artísticas em outras mídias. Em “Das Vidas secas ao Recife frio: o diálogo literário regionalista na criação audiovisual neorregionalista de Kleber Mendonça Filho”, Sayara Saraiva Pires e Herasmo Braga de Oliveira Brito analisam o curta-metragem do diretor brasileiro em diálogo com a obra de Graciliano Ramos, buscando demonstrar como a estética narrativa regionalista atua na criação audiovisual neorregionalista do cineasta pernambucano. A música de Gilberto Gil é objeto de análise de Rafael Barros de Alencar e de Samuel Anderson de Oliveira Lima em “Regeleia neobarroca: perspectivas sobre o neobarroco a partir de canções de Gilberto Gil”. Neste artigo, os autores buscam apontar características neobarrocas em duas canções do compositor baiano, apoiando-se em teóricos que pensaram o barroco no contexto da América Latina, como Lezama Lima e Sarduy. Os limites entre o som e suas materialidades é tema de investigação de Renan Luis Salermo e de Diana Navas, em “A recepção de audiolivros infantis em que brinquedos personagens transformam a escuta em uma experiência imersiva”, tendo como objeto de análise uma série de audiolivros infantis disponibilizados pelo sistema *Tonies*.

Em “Representações do pensamento abissal em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum”, Guilherme Pires de Souza, Juciane dos Santos Cavalheiro e Márcio Leonel Farias Reis Páscoa refletem sobre a representação de duas personagens do romance, Trajano Mattoso e Coronel Zanda, e sobre a modernidade tardia na cidade de Manaus, a partir do

percurso do protagonista Raimundo Mattoso. A mesma região do país é tema de “Missão Secreta na Transamazônica” de Francisco de Assis Almeida Brasil, obra que é objeto de investigação de “Narrativas da conquista da Amazônia: transamazônica, outras faces e contradições”, de autoria de José Valtemir Ferreira da Silva. A partir do estudo, o autor observa a relação entre o enredo e elementos que introduzem novas perspectivas a uma narrativa da conquista da Amazônia.

A literatura portuguesa é matéria de dois artigos deste número. Em “Procedimentos metodológicos para uma filologia da voz poética em performance nas cantigas medievais galego-portuguesas”, Rafael Hofmeister de Aguiar busca ampliar o escopo da Filologia ao voltar-se para as marcas textuais nos manuscritos medievais galego-portugueses que apontem para a presença da voz poética em performance. Já Rafael Sarto Muller debruça-se sobre uma narrativa pessoana em “Individualismo versus união em *O banqueiro anarquista*, de Fernando Pessoa”, partindo da Teoria da Abjeção para descrever como o conceito de União é usado e quais as suas repercussões pragmáticas.

Felipe Krul Bettoli reflete sobre a autobiografia e a autoficção e seus respectivos pactos de leitura em “Memórias da Marquesa de Rabicó: uma autoficção fictícia”. A partir da análise da obra de Monteiro Lobato, Bettoli entende que ela pode ser entendida como uma autoficção fictícia, tanto por estar no limite entre a memória e a invenção quanto por ser produzida dentro da ficção.

O processo de representação do Brasil em prólogos e epílogos de textos fundamentais da literatura brasileira é o tema de “Sobre prólogos e epílogos: cisões e formação nacional nas ficcionalizações de escrita e leitura do século XIX e XX brasileiros”, de autoria de Filipe de Freitas Gonçalves. Aqui o pesquisador analisa prólogos e epílogos de obras dos séculos XIX e XX para perceber como o problema da nação está transformado em questões eminentemente literárias nesses textos.

Vanessa Moro Kukul analisa duas obras sobre o modernismo brasileiro, ambas publicadas 100 anos após a Semana de Arte Moderna, no artigo intitulado “Um Centenário, outros modernismos?”. Esses dois textos empreendem uma revisão do modernismo brasileiro e, ao mesmo tempo, indicam permanências críticas. Através de sua leitura, a autora apresenta possibilidades (e limitações) de estabelecimento de outras leituras para o modernismo no Brasil.

Em “Tradução, processo editorial e criação de valor”, Renata Beatriz Freitas Estanislau reflete sobre a necessidade da área de Estudos da Tradução expandir sua dedicação para além de comparações entre original e tradução, passando a levar em conta também o processo editorial como agente de construção e enriquecimento do valor simbólico da literatura.

As relações entre a obra literária e a Teoria da Recepção subjazem a análise de Ana Flávia da Silva Oliveira e de Jaqueline Vieira de Lima em “A estética da recepção e o leitor: uma leitura de *A mulher que escreveu a Bíblia*, de Moacyr Scliar”. As autoras destacam a ruptura do horizonte de expectativa do leitor, compreendendo-o como responsável pelo



preenchimento das lacunas ou vazios apresentados no texto, deixados pelo autor.

A masculinidade volta a aparecer neste número no artigo “Enfrentando um veado”: o contraponto entre masculinidade e homossexualidade em *Psicopata americano*, de Bret Easton Ellis”, de autoria de Eduardo Ramson Sanes e Eduardo Marks de Marques. Os autores buscam discutir, a partir da análise do protagonista da narrativa, Patrick Bateman, como a figura do homem homossexual é construída, servindo de oposição ao conceito de masculinidade.

Terminamos o número atual com a entrevista “Conhecendo a literatura de Filipe Lutalo”, feita por Adrielly Medeiros e Gustavo Tanus, e com as resenhas “Uma dor profunda demais: formas de narrar o luto, a maternidade e a identidade em *Essa coisa viva*” de Gabriel Lemos Roa e Andre Rezende Benatti sobre a obra de Maria Esther Maciel, e “A quem pertence o meu destino? Ritual de vida e marginalização feminina em Vamos chamá-la de Maria, de Adriana Armony” de Rodrigo Felipe Veloso dedicado ao livro da escritora carioca.

Referências

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. de Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

REDAÇÃO OESTE. ‘Venho falando em pretuguês’, diz a escritora que tomou posse na ABL. **Revista Oeste**, 09 nov. 2025 às 17h33. Disponível em:
<https://revistaoeste.com/cultura/venho-falando-em-pretugues-diz-escritora-que-tomou-posse-na-abl/>. Acesso em 17 nov. 2025.

NOTAS DE AUTORIA

Alessandra Guterres Deifeld (alessandradeifeld@hotmail.com) é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina e mestra em Literatura pela mesma universidade. Graduada em Direito e Pós-Graduada em Direito Constitucional pela Univali. Compõe a Comissão Editorial da revista Anuário de Literatura. Pesquisa artes e literaturas indígenas.

Andressa Almeida Nunes (andressaalmeidanunes@gmail.com) é doutoranda em Literaturas, Artes e Culturas Modernas pela Universidade de Lisboa e em Literatura Brasileira pelo PPGLit – UFSC, onde também obteve o título de mestra. Licenciada em Letras e Pedagogia, com especialização em Literatura Brasileira e Inovação na Educação, pesquisa a escrita de mulheres brasileiras do século XIX. Integrante do nulIME – Núcleo de Literatura e Memória. Compõe a Comissão Editorial da revista Anuário de Literatura.

Emmanuele Amaral Santos (emmanuelesantos13@gmail.com) é mestrandona no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, na linha de Poesia e Aisthesis, e bacharel em Letras Português pela mesma instituição. Pesquisa sobre erotismo e imagem na poesia brasileira. Compõe a Comissão Editorial da revista Anuário de Literatura.

Jair Zandoná (jzandonan@gmail.com) é doutor e mestre em Literatura pela UFSC. É um dos editores da Revista Anuário de Literatura (PPGL/UFSC) e editor de resenhas da Revista Estudos Feministas (REF). Integra o quadro de pesquisadores/as do Instituto de Estudos de Gênero/UFSC, do Literatual/UFSC e do Grupo de Estudos no Campo Discursivo/UFSC. Atualmente, é professor visitante no PPGEL da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.



Julia Dias Lopes (julia.lopes1907@gmail.com) é mestrandona Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, na linha de Memória, história e subjetividade. Formada em Letras Português pela UFSC e aprendiz de parteira tradicional, pesquisa a oralidade na tradição das Parteiras Tradicionais de Santa Catarina. Compõe a Comissão Editorial da revista Anuário de Literatura.

Mariana Vogt Michaelson (marivogt1104@gmail.com) é doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestra em Literatura pela UFSC. Graduada bacharel em Psicologia pela UFSC. Integrante do nuLIME – Núcleo de Literatura e Memória. Compõe a Comissão Editorial da revista Anuário de Literatura.

Tânia Regina Oliveira Ramos (taniareginaoliveiraramos@gmail.com) é Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina, pertence ao nulIME – Núcleo de Literatura e Memória. É uma das editoras da Revista Estudos Feministas e da Anuário de Literatura. Atua nas áreas de gênero e subjetividades, história e memória literária.

Thaís Fernandes (fernandes.tha@gmail.com) é mestra e doutora em Estudos da Tradução pela PGET/UFSC. É Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenadora do nuLIME – Núcleo de Literatura e Memória e pesquisadora do NUPILL – Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística. É uma das editoras da Anuário de Literatura.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

DEIFELD, Alessandra Guterres; NUNES, Andressa Almeida; SANTOS; Emmanuele Amaral; ZANDONÁ, Jair; LOPES, Julia Dias; MICHAELSEN, Mariana Vogt; RAMOS, Tânia Regina Oliveira; FERNANDES, Thaís. Entre margens, territórios, corpos e as muitas vozes: narrar as ausências e reescrever o comum. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-10, 2025.

Contribuição de autoria

Elaboração e contribuição coletiva.

Financiamento

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001; Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência, e Tecnologia de Mato Grosso do Sul – FUNDECT/MS – Termo de outorga 176/2023.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.



Histórico

Recebido em: 18/11/2025

Aprovado em: 01/12/2025

Publicado em: 15/12/2025

